

REGIMES DE INTERAÇÃO EM “PENÉLOPE”, DE JOÃO DO RIO

*REGIMES OF INTERECTION IN
“PENÉLOPE”, BY JOÃO DO RIO*

Ernani Terra
PUC-SP

Resumo: O artigo analisa o conto “Penélope”, de João do Rio, sob o ponto de vista dos regimes de interação e do jogo das restrições semióticas. Pretende-se responder à pergunta: Como se dá a interação entre os sujeitos e que sentidos daí emergem? O *corpus* é constituído pelo conto “Penélope”, que faz parte do livro *A mulher e os espelhos*, cuja primeira edição é de 1919. A fundamentação teórica conjuga os estudos da Sociossemiótica de Eric Landowski sobre os regimes de interação com os de Greimas e Rastier sobre os modelos do sistema das relações sexuais. No conto, o regime de interação que prevalece é o do acidente. Um acontecimento aleatório cruza os percursos de sujeitos cuja interação será pautada pelo risco puro. Do ponto de vista das restrições semióticas, as pulsões individuais (valores da natureza, euforizados) são afirmados, sobrepondo-se às coerções sociais (valores da cultura, disforizados). Com fundamento nos modelos do sistema das relações sexuais propostos por Greimas e Rastier, mostra-se que as relações sexuais entre os sujeitos são compatíveis no modelo dos valores individuais, mas incompatíveis nos modelos social e econômico.

Palavras-chave: Regimes de interação; Restrições semióticas; Acidente

Abstract: The article analyses the short story “Penelope”, by João do Rio, under the perspective of the regimes of interaction and of the game of semiotic restrictions. The aim is to answer to the question: How does the interaction happen between the subjects and what meaning effects emerge from it? The object of analysis is the short story “Penelope”, part of the book *A mulher e os espelhos (The woman and the mirrors)*, of which the first edition was published in 1919. The theoretic basis conjugates Eric Landowski’s Sociossemiotic studies about the regimes of interaction with Greimas and Rastier’s studies on the models of sexual relations system. In the short story, the regime of interaction which prevails is the accident. A random event crosses the paths of the subjects whose interaction is based on pure risk. From the point of view of semiotic restriction, the individual drives (nature values, euphoric ones) are affirmed, overlapping the social coercions (culture values, dysphoric ones). Based on the models of sexual relations system proposed by Greimas and Rastier, this article shows that the sexual relations between the subjects are compatible in the model of individual values, but incompatible in social and economic models.

Keywords: Regimes of interaction; Semiotic restrictions; Accident

1. Introdução

No artigo, tratamos dos regimes de interação e das restrições semióticas no conto “Penélope”, de João do Rio (1881 – 1921), que faz parte do livro *A mulher e os espelhos*, publicado inicialmente em 1919. A obra apresenta perfis femininos de mulheres indecifráveis e fornece a chave para se verificar como se constroem e se manifestam os discursos de interditos, na medida em que o narrador dá voz àquelas que foram segregadas. Quando a voz feminina emerge, provoca reações as mais diversas, por isso a metáfora da mulher como espelho.

Interações de alto risco e relações não prescritas são frequentes na produção literária do autor, que é um espécie de porta-voz do *bas-fond* carioca do início do século XX. Os contos, com forte influência do irlandês Oscar Wilde, valorizam a cidade, espaço do *flâneur* que perambula em busca de sexo. Neles, manifestam-se desejos sexuais reprimidos, relações interdidas e interações de alto risco. Em “Penélope”, a interação se dá entre sujeitos de papéis sociais diferentes, uma jovem viúva da alta sociedade e um caixeiro de loja, e decorre de um acontecimento aleatório, uma entrada não programada numa loja para ver uns véus. Ao contrário de outros contos do autor (vide o antológico “O bebê de tarlatana rosa”), a busca do sexo não é programada, mas decorre de um assentimento ao acaso (regime do acidente).

2. Resumo da diegese

Como se trata de um conto pouco conhecido de João do Rio, optamos por apresentar um resumo da diegese a fim de permitir uma contextualização da análise.

“Penélope” tem por temas a fidelidade, a volúpia, as relações sexuais fora do matrimônio, a transgressão e a liberdade. É narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente intruso (debreagem actancial enunciativa) do ponto de vista de Alda Guimarães, a Penélope, no entanto a voz da doxa emerge ecoando o discurso machista, particularmente no que diz respeito às relações entre os sexos. O sistema temporal é o do passado e o espaço é o Rio de Janeiro do início do século XX, época em que a cidade se moderniza.

Os atores instalados no enunciado são dois: Alda Guimarães, a Penélope do título, uma extraordinária mulher, belíssima, esplêndida, jovem, de posição social elevada, séria, que há seis meses enviuvara de um general com o qual se casara quando tinha vinte anos e ele, sessenta e Manoel Ferreira, um belo rapaz de dezoito anos, de classe social baixa, vendedor numa loja de moda.

A narrativa inicia-se *in media res* quando Alda Guimarães, que não costumava deixar o palacete em que morava, vai ao costureiro. Esse fato ocorre seis meses após a morte do marido, o general, que fora padrinho de batismo de Alda. O general era paternal, dava recepções, queria mostrar a mulher como facho de sua glória e não era ciumento.

O falecimento do marido não altera a condição social e econômica de Alda. A viúva continua morando no palacete em que vivia com general, dispondo de empregados que a servem. Possui automóvel, frequenta as lojas da moda e seu círculo de relações sociais é formado por pessoas representantes das classes sociais mais favorecidas.

Assim que ficou viúva, “... o entusiasmo em torno de sua carne e da sua fortuna foi grande” (DO RIO, 1995, 139) e Alda começa a ser assediada por rapazes das “melhores” famílias que se propunham a ela como maridos ou amantes. A viúva se mostra inflexível a assédios e prefere ficar recolhida em seu palacete, pois a vida em sociedade lhe causava horror, particularmente sem a companhia do marido que fora seu protetor. Alda era uma mulher que nunca amara “... porque lhe parecia impossível o desejo e ainda mais o prazer” (DO RIO, 1995, 139). Confiava na sua invulnerabilidade, mantendo-se fiel ao marido ausente (veja-se o título do conto).

Estando em meio-luto, sai à rua para ir ao grande costureiro da moda provar uns vestidos, quando vê na vitrine de uma loja uns véus que lhe chamam a atenção. O roteiro programado é alterado e Alda entra na loja movida pelo desejo de comprar alguns véus. Como as vendedoras estivessem todas ocupadas, é atendida por “... um rapaz, quase menino [...] moreno, forte, como dois grandes olhos molhados e um cabelo tão lindo que só o S. Sebastião de Guino Reni teria igual” (DO RIO, 1995, 139-140). Sente-se atraída pelo rapaz, o desejo se manifesta, quer tocá-lo, mas tem medo e vai embora.

Para quem vivia praticamente reclusa em seu palacete, evitando qualquer forma de contato social, especialmente com pessoas do sexo masculino, a visão do rapaz instaura uma fratura. Sobrevém o inesperado e Alda sente o coração bater, “tudo esplendia, tudo ria, tudo era suave e alegre” (DO RIO, 1995, 140). As relações cotidianas, marcadas pela segurança, vêm abaixo. A vida passa ter um novo significado. Desejos reprimidos se manifestam.

De volta ao palacete, não consegue jantar nem ler e dorme mal. Começa a viver uma loucura e se questiona se será capaz de resistir ao desejo que o rapaz lhe despertara. Ela, que nunca tivera qualquer relação fora do casamento, que nunca vira nas pessoas do outro sexo o homem, mas o papel social, sente-se atraída pelo rapaz. Sente abalar sua invulnerabilidade, mas imagina que será fácil resistir ao desejo. Crê que a distância social a protegeria de qualquer aventura, pois “o rapaz era um simples empregado de casa de modas, [...] não existia socialmente, não tinha um nome, um título, uma família ao menos” (DO RIO, 1995, 140). No entanto, o escudo da diferença de classe social não consegue protegê-la, porque Alda não vê no caixeiro um caixeiro, mas um homem que lhe desperta desejos reprimidos. De volta a seu palacete, mal consegue dormir e comer.

Volta à loja no dia seguinte e procura pelo rapaz e pede para ver os véus. Manipula o caixeiro para que leve as peças escolhidas ao palacete depois de fechada a loja. Para poder ficar só com o caixeiro, dispensa os empregados.

No palacete, a sós com o caixeiro, Alda começa a conversar com rapaz e, “graças ao hábito de sociedade, ela não só falava com desembaraço como falava com o tom de quem trata com um inferior”. O vendedor, em virtude de seu ofício, respondia desembaraçadamente, mas mantendo uma linguagem que manifestava respeito a alguém de posição social superior. Se ela estivesse diante de um homem de mesma classe social, já teria se declarado. Se ele estivesse diante de qualquer mulher, não indagaria nada. Ele não ousando, ela não querendo ousar para não parecer mal. Mas eles não pensavam nisso, pois o desejo os movia, apagando qualquer diferença que houvesse entre eles. Ela então pega os véus, mexe com eles como se fosse uma dança em que ela encarna Salomé. O instinto aproximava-os para

a maior das igualdades e a boca do jovem caixeiro, sedenta, sorveu a dela como chupasse um fruto cheio de sumo e despejou-a no divã em súbita fúria e se entregaram ao prazer.

3. Os regimes de interação

“Penélope” se constrói a partir da oposição de base /natureza vs. cultura/. No conto, nega-se a cultura, valor disfórico, e afirma-se a natureza, valor eufórico. Há a afirmação das pulsões individuais, o instinto sexual (natureza), e a negação das coerções sociais (cultura).

Para analisar o conto, recorreremos à sociosemiótica, particularmente aos estudos de Landowski sobre os regimes de interação (2014a). Nessa obra, o semioticista francês trata de como o sentido emerge das práticas sociais, relacionando sentido e interação. Para Landowski, os regimes de interação remetem a maneiras de estar no mundo, a estilos de vida.

Ao trazer o conceito de interação à problemática da significação, Landowski amplia o esquema narrativo canônico, destacando que há interações que vão além da transferência de objetos-valor entre actantes e das regularidades, na medida em que também há sentidos decorrentes de acontecimentos aleatórios. Landowski mostra que, paralelamente à lógica da junção, há uma outra lógica de sentido, a união, fundada na copresença sensível dos actantes numa dinâmica interacional de ajustamentos recíprocos que tendem a formas de realizações mútuas. Aos regimes da operação (ação do homem sobre as coisas), fundado na regularidade, e o da manipulação (ação do homem sobre outros homens), fundado na intencionalidade, Landowski acrescenta dois regimes complementares, o acidente, fundado na aleatoriedade, e o ajustamento, fundado na sensibilidade.

Na proposta de Landowski (2014a), temos quatro regimes de interação: a programação, a manipulação, o acidente e o ajustamento, cada um deles correspondendo a um regime de sentido. O semioticista francês destaca que os regimes de interação têm por base a noção de risco. Fontanille caminha na mesma direção ao afirmar que “*o risco é a principal força motriz do procedimento que leva os seres humanos a instaurar o sentido de sua própria existência*” (FONTANILLE, 2016, p. 42).

A seguir comentamos cada um dos regimes de interação propostos por Landowski (2014a).

- **A programação**

Segundo Landowski (2014a, 2014b), a programação é o regime de interação de risco mínimo. Fundada sob o princípio da regularidade, suas marcas são a habitualidade, a rotina, a repetição, a constância, a continuidade, a segurança, o que implica uma quase dessemantização, podendo chegar à ausência de sentido. Nesse regime, há a adaptação unilateral de um actante a outro. Landowski assim o define: “*o regime da programação é aquele de repetição do mesmo, da ‘rotina’ e do risco mínimo, mas ao mesmo tempo aquele de maior fechamento de sentido podendo chegar mesmo à insignificância*” (LANDOWSKI, 2014b, p. 19).

No conto “Penélope”, a programação é o regime do actante figurativizado no ator do enunciado Alda, na constância do casamento e nos meses, seis meses posteriores à

morte do marido, o período do meio-luto. O papel temático desempenhado por Alda é o da mulher casada, burguesa e fiel, que está em conjunção com os valores desejáveis e prescritos socialmente para uma mulher na sociedade brasileira do início do século XX: recato e fidelidade.

No conto, o tema da fidelidade é concretizado por figuras como *Penélope*, *impenetrável*, *legenda de honestidade heroica*, *invulnerabilidade*, *honesto*, todas se referindo a Alda, a Penélope, aquela que fora programada para ser fiel. Alda cumpre esse papel, com interações rotineiras e de baixíssimo risco: “... *ela que se recusara às tentações dos leões dos salões, ela que afastara propostas de homens admirados, ela invulnerável...*” (DO RIO, 1995, 140). A morte do marido, num primeiro momento, não altera o regime de interação. Como a regularidade é mantida, aspectualmente tem-se a duratividade.

- **O acidente**

Se na programação há praticamente ausência de riscos e continuidade, no acidente tem-se o risco puro e a descontinuidade. Nesse regime de interação, há o assentimento ao imprevisível, ao acaso. Sua marca é a contingência, o fortuito, o aleatório.

Em “Penélope”, um acontecimento não programado ou previsto, instaura o regime do acidente. Alda vivia até então o mundo da ordem, do contínuo, num regime marcado pelo baixo risco e quase ausência de sentido (regime da programação). Ao ir à modista, a recém-viúva vê numa vitrina uns véus, o que a faz entrar na loja, alterando o que estava programado.

Alda está no interior da loja, quando vê um jovem e belo vendedor. Instaura-se a fratura. Sobrevém o inesperado. A visão de um belíssimo rapaz se instala no campo de presença de Alda com forte intensidade. A irrupção do imprevisto quebra a continuidade, a regularidade, o programado. O que quase não era percebido absorve Alda e a domina. Isso tem alto impacto e passa a sentir “*um grande calor subir-lhe ao rosto*” (DO RIO, 1995, p. 140). A presença do caixeiro introduz o tema do desejo, que se opõe ao tema da fidelidade. O caixeiro figurativiza a volúpia. Alda quer se unir a ele (pulsão individual), mas não deve (coerção social).

Esse acontecimento deslumbrante e inesperado põe abaixo uma rotina marcada por interações de baixíssimo risco, sob as quais se escondia uma carência. Faltava a Alda alguma coisa que ela não sabia o que era. A fratura faz com que o tempo pare por instantes para ela, levando-a a encontrar um novo sentido para a vida, agora um sentido que diz respeito à essência e não à aparência. Uma conduta que era regulada pelos padrões sociais, programada e sem riscos é posta abaixo. Um novo regime de interação, marcado pela não padronização, pelo inesperado e pelo risco sobrevém. Os papéis se invertem: ela, jovem, linda e rica, que era objeto de desejo, agora se transforma num corpo desejante. Não é o rapaz quem seduz Alda, ele é quem é seduzido por ela.

O inesperado (acaso) instaura novo regime de risco e, conseqüentemente, de interação e de sentido. Se antes a interação era marcada pelo risco limitado, agora é de risco puro. Se antes era fundada na regularidade, agora é fundada na aleatoriedade. O regime de sentido não é mais o da insignificância, mas o da insensatez, o da loucura.

Landowski, referindo-se ao regime de sentido do acidente, afirma que nele “... a irrupção do sentido, ou do sem sentido, é tão perturbadora que o sujeito se encontra estupefato ou extasiado e, em todo caso, desamparado” (LANDOWSKI, 2014a, p. 95). Do ponto de vista da aspectualização, instaura-se a pontualidade no lugar da duratividade e o descontínuo no lugar do contínuo. A temporalidade é suspensa, não há anterioridade.

No regime do acidente, a função de destinador cabe ao acaso, um autodestinador que não mantém relação comunicativa ou persuasiva com o destinatário-sujeito. O acaso não manipula o sujeito, não lhe atribui competência, não propõe a ele qualquer contrato.

- **A manipulação**

A manipulação, já estudada por Greimas ao tratar do esquema narrativo, é recuperada por Landowski quando trata dos regimes de interação. Fundada na intencionalidade, a manipulação visa à transformação modal do destinatário-sujeito, para levá-lo a um *fazer fazer* ou a um *fazer ser*. O semiótico francês destaca que, para que o sujeito queira fazer alguma coisa, é necessário, previamente, fazê-lo crer ou saber que teria alguma vantagem de um ponto de vista ou outro. Os tipos mais comuns de que se vale o destinador para manipular o sujeito são a tentação, a intimidação, a provocação e a sedução.

No conto “Penélope”, Alda manipula o caixeiro por sedução (*fazer querer*) a fim de poder estar a sós com ele. Convence-o a ir ao palacete, depois que a loja fechar, entregar os véus que comprara na loja. Dessa forma, poderia estar a sós com ele em seu próprio espaço, o que lhe garantiria privacidade e segurança. A manipulação é bem sucedida. Estando a sós com o caixeiro em seu próprio espaço, o risco é atenuado com o escape da sanção do destinador social, para quem a relação de Alda com o caixeiro não é desejável, nem prescrita. O percurso de Alda caminha para o ato final.

- **O ajustamento**

Landowski (2014b) chama a atenção para o fato de que ajustar-se não significa um ator adaptar-se unilateralmente a outro. Isso é da ordem da programação. O ajustamento, segundo o semiótico francês, opera-se entre iguais, trata-se de uma fazer conjunto de sujeitos cujas ações estão fundadas na sensibilidade, no *fazer sentir*, portanto é um regime ligado à estesia. No ajustamento, o sentido é gradativamente criado em ato, pela interação recíproca dos sujeitos, assim como ocorre na conversação, contrariamente ao que ocorre no regime do acidente, em que o sentido se impõe de maneira repentina. Nesse regime de interação, os sujeitos não planejam o que deverá resultar da interação com o parceiro, o objetivo não é fazer com que o outro realize um programa.

Landowski, comparando o ajustamento com a manipulação, afirma que no primeiro “... a interação não mais se assentará sobre o fazer crer, mas sobre o fazer sentir – não mais sobre a persuasão, entre inteligências, mas sobre o contágio, entre sensibilidades...” (LANDOWSKI, 2014a, p. 51).

Alda manipula o jovem caixeiro a ir a seu palacete. Tendo dispensado os empregados se vê só com ele. As pulsões individuais (domínio da natureza) se sobrepõem às coerções sociais (domínio da cultura): “O instinto aproximava-os para a maior das igualdades” (DO RIO, 1995, p. 145). Dá-se o ajustamento dos corpos e “sem pensamentos, sem outro fim, alheios ao orbe inteiro, no frenesi de atingir ao bem supremo, atingiram o sumo gozo brevíssimo que é a felicidade única da terra” (DO RIO, 1995, p. 146).

No esquema abaixo, sintetizamos os regimes de interação, postulados por Landowski (2014a), com os regimes de sentido e os de risco correspondentes.

Ilustração 1



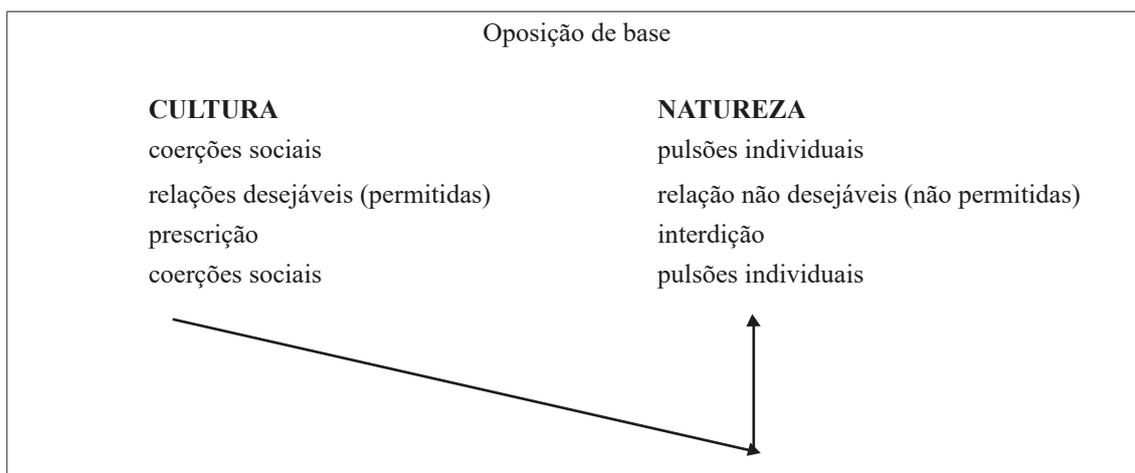
Fonte: Landowski (2014), adaptado

4. O jogo das restrições semióticas

Na seção anterior, mostramos o percurso do ator Alda do regime de acidente para o de ajustamento. O caminho foi da irrupção do caixeiro no campo de presença de Alda à relação sexual entre ambos. Pretendemos nesta seção percorrer o caminho inverso. Dada a relação sexual entre ambos, pretendemos analisar, com fundamento em Greimas e Rastier (1975), essa relação, nos três sistemas propostos por eles, o social, o econômico e o individual, mostrando a compatibilidade ou não da união de ambos sob a perspectiva desses três sistemas.

Afirmamos que “Penélope” se articula a partir da oposição fundamental /natureza vs. cultura/, a primeira, eufórica; a segunda, disfórica. A primeira relativa às pulsões sociais; a segunda, às coerções sociais. Alda cumpre os contratos sociais. Embora não estando casada, não era livre, pois temia sanção social negativa, vivendo “... *uma luta entre o receio e o desejo...*” (DO RIO, 1995, p. 142). A união carnal de mulher não casada é, segundo o destinador social, indesejável e não prescrita. O aparecimento do jovem caixeiro instaura o acidente. Alda, que não desejava manter relações sexuais, passa a desejá-las. A volúpia vai se sobrepondo às convenções sociais.

Ilustração 2

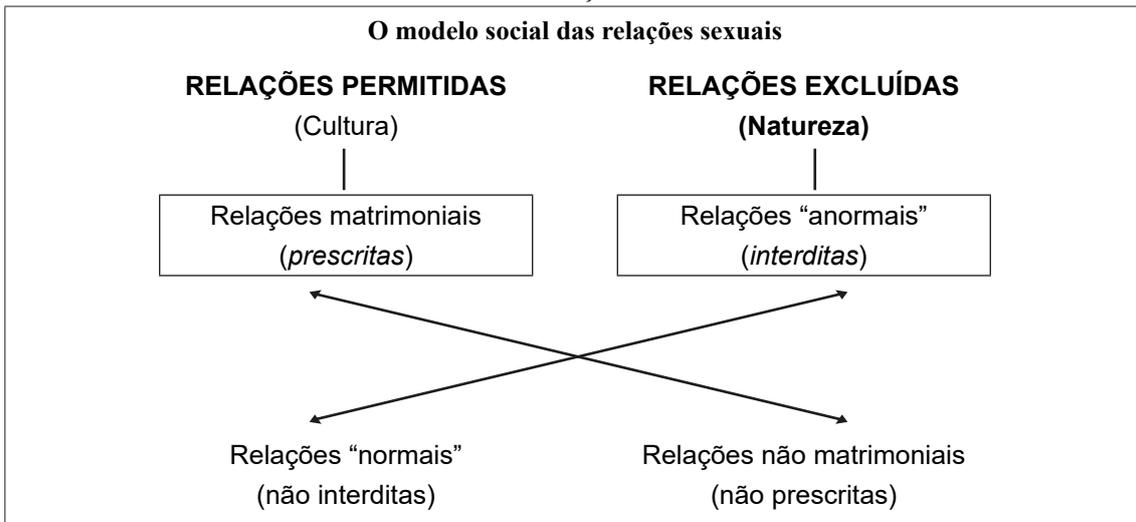


Fonte: elaborado pelo autor

Greimas e Rastier (1975), no texto “O jogo das restrições semióticas” tratam da estrutura elementar da significação. Exemplificam os investimentos no quadrado semiótico, estudando as relações sexuais de um grupo humano do ponto de vista semiótico.

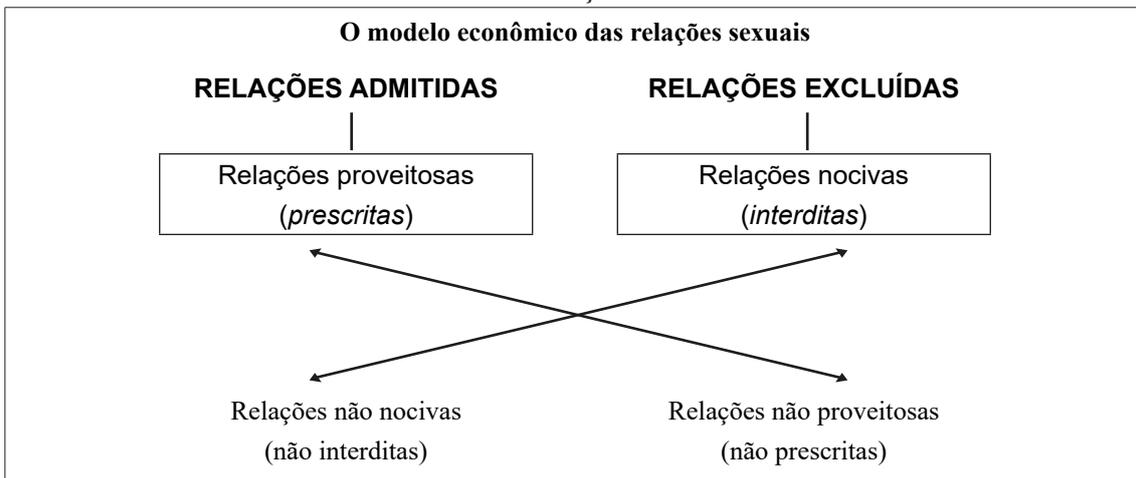
A partir da oposição fundamental /natureza vs. cultura/ e com base nos modelos social, econômico e dos valores individuais das relações sexuais propostos Greimas e Rastier (1975) pretendemos mostrar os sentidos que emergem da relação entre os atores Alda e Manoel, o caixeiro, no conto “Penélope”. Os três modelos propostos são os abaixo.

Ilustração 3



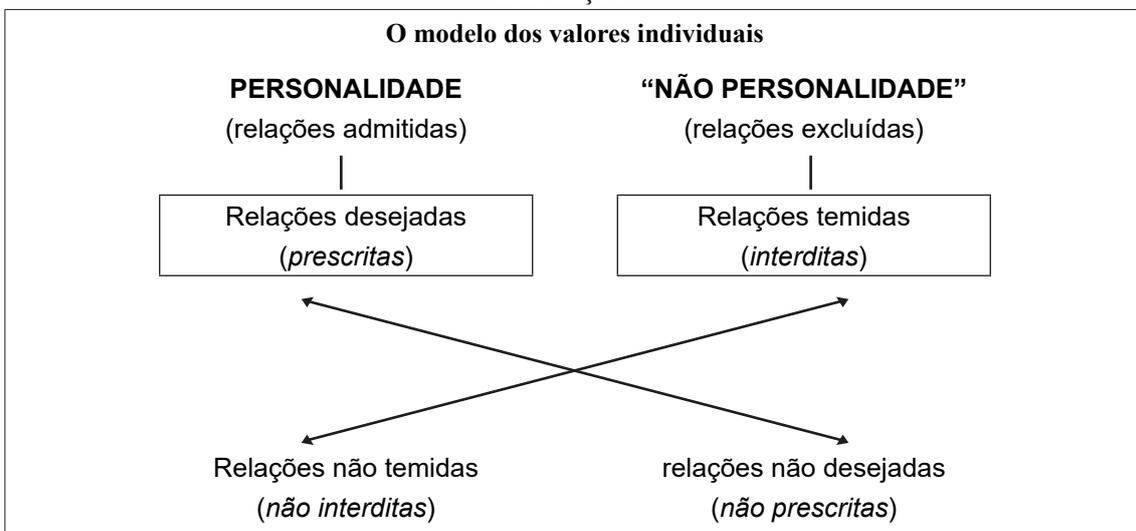
Fonte: Greimas; Rastier (1975) adaptado

Ilustração 4



Fonte: Greimas; Rastier (1975) adaptado

Ilustração 5



Fonte: Greimas; Rastier (1975) adaptado

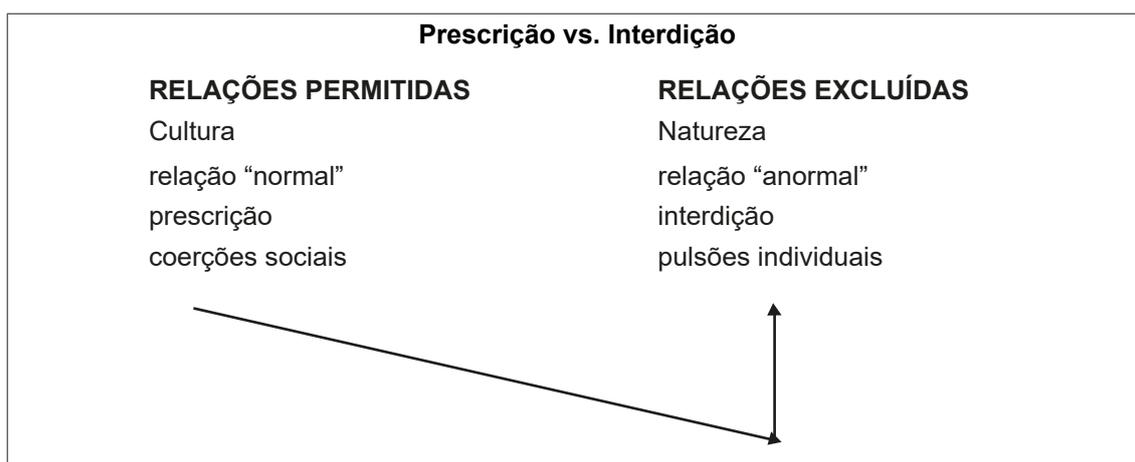
Se levarmos em conta o modelos social e o econômico, a relação de Alda com o caixeiro deve ser colocada no eixo das relações excluídas; pois é, nesses modelos, **relação não desejável**. Pelo modelo social, é uma relação “anormal”, não prescrita, pois é **fora do casamento**. Pelo modelo econômico, a relação é não proveitosa, nociva e interdita. Alda é rica, mora num palacete, tem empregados à disposição; o caixeiro “... *não existia socialmente, não tinha um nome, um título, uma família ao menos* (DO RIO, 1995, p. 140). Há entre os atores incompatibilidade social (relação sexual fora do matrimônio) e econômica (relação sexual entre pessoas de classes sociais distintas).

Na relação entre Alda e o caixeiro, as prescrições dos valores sociais e econômicos das relações sexuais são negadas e as interdições **são afirmadas**. O que é social e economicamente excluído, relação sexual entre pessoas não unidas pelo matrimônio e de classes sociais distintas, passa a ser admitido. Alda tem relação sexual com o caixeiro, embora essa relação não seja prescrita. Isso ocorre porque os valores individuais prevalecem sobre os sociais e os econômicos.

No modelo dos valores individuais, o sujeito se define fora das relações socializadas (modelos social e econômico). Esse modelo investe-se de desejos e passa a exercer o papel actancial de autodestinador. A fonte dos valores são as pulsões individuais, que vão atribuir a competência modal dos sujeitos. No modelo dos valores individuais também se estabelecem relações admitidas (prescritas), domínio da cultura, e relações excluídas (interditas), domínio da natureza, sendo as primeiras desejadas e as segundas, temidas.

No que se refere aos valores individuais das relações sexuais, em “Penélope” nega-se a relação permitida, prescrita, “normal” (universo da cultura) e afirma-se a relação excluída, interdita, “anormal” (universo na natureza). No esquema abaixo, apresentam-se os valores negados e os afirmados.

Ilustração 6



Fonte: elaborado pelo autor

Em síntese, pode-se afirmar que, em “Penélope”, o individual, o instinto e o desejo sobrepõem-se ao coletivo, à regra e às convenções. É um conto que traz o tema da ruptura com valores socialmente prescritos para o universo feminino, como a relação sexual

exclusivamente matrimonial e a fidelidade conjugal. A negação dos valores sociais não decorre de um cálculo, de uma intencionalidade, mas do aleatório.

5. Conclusão

Pretendeu-se mostrar que, no conto “Penélope”, de João do Rio, a aproximação de atores bastantes diferentes social e economicamente só se realiza porque o aleatório quebra a programação. O acidente rompe a continuidade com a consequente instauração de um regime de alto risco no lugar da segurança. No nível das relações entre os actantes, o desejável se afirma sobre o temido. O risco prevalece sobre a segurança; o interdito, sobre o prescrito; a descontinuidade, sobre a continuidade; o acidente, sobre a programação; a significância, sobre a insignificância. “Penélope” é a afirmação das pulsões individuais sobre as coerções sociais.

6. Referências bibliográficas

FONTANILLE, Jacques. ‘Um diálogo imaginário entre Claude Zilberberg e Eric Landowski: em torno do acontecimento, da álea e do acidente’. Tradução de Clebson Luiz de Brito. In: MENDES, Conrado Moreira; Gláucia Muniz Proença Lara (Orgs.). *Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg*. Curitiba: Appris editora, 2016, p. 35-47.

GREIMAS, Algirdas Julien; RASTIER, François. ‘O jogo das restrições semióticas’. In: GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975, p. 126-143.

LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. Tradução de Luiza Helena O. da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Centro de Pesquisas Sociosemiótica, 2014a.

LANDOWSKI, Eric. *Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido*. *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014b.

RIO, João do. “Penélope”. In: _____. *A mulher e os espelhos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995, p. 139-146.